

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 212

Director: ALEXANDRE VAZ

10 DE FEVEREIRO DE 1994

TAXA PAGA
4700 BRAGA
PORTUGAL

QUINZENÁRIO

SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS



PREÇO: 50\$00

QUARESMA EM FAMÍLIA

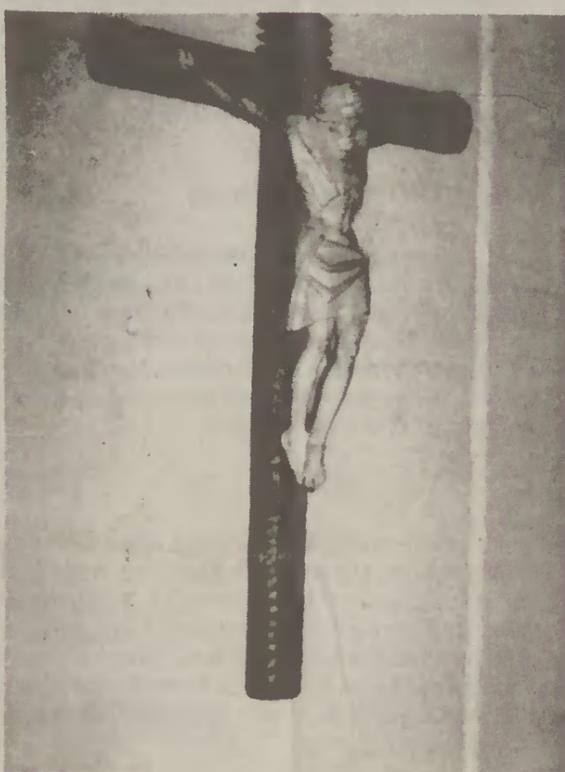
1. Deveríamos pensar e conseguir que a oração, a catequese e a celebração cristã do domingo que têm lugar no âmbito da comunidade cristã e da paróquia, **penetrassem a família** que deve tornar-se o que é: «**a Igreja doméstica**». Na realidade, se assim não for, tudo quanto fazemos ao nível das nossas comunidades será isolado, pontual e desconexo, tanto para as crianças, como para os jovens e adultos e, dificilmente, marcará ou animará a vida de cada dia. A família deve tornar-se o espaço da preparação da liturgia da comunidade e o eco da vida espiritual da Igreja.

2. **A Quaresma é a preparação para a Páscoa.** A liturgia apresenta-nos a Quaresma como um caminho com Cristo. Neste caminhar vão todos, pais e filhos, adultos e jovens, velhos e crianças, Papa, bispos, padres, catequistas, etc. Por isso, no início da Quaresma invocamos aqueles que trilhando este caminho, o

do Evangelho, chegaram à meta: a Virgem Maria e os Santos. Estas invocações poderão repetir nas nossas casas, de modo a recordar-nos que também nós vamos a caminho e que aqueles que já o terminaram, nos podem ajudar com a sua intercessão.

3. Para a Quaresma, a Igreja tem um programa próprio e original: «**a oração, o jejum, e a esmola**». Pela «**oração**», somos convidados a abrir-nos mais a Deus, escutando a Sua Palavra e meditando-a; fazendo a experiência de uma grande intimidade com Deus que é nosso Pai e de quem somos filhos (privilegiando a oração pessoal, a sós, no silêncio do nosso quarto); experimentando que a nossa família é família de Deus (mediante a oração comunitária, em alguma hora do dia).

Pelo «**jejum**», buscamos e recuperamos a **liberdade interior** que nos torna sensíveis e capazes de desejar os



bens mais excelentes, os valores espirituais. O «**jejum**» pode ter várias expressões adequadas: para além do sentir fome (**4.ª feira de cinzas e sexta-feira santa**) ou de não comer carne às sextas-feiras (= abstinência), poderá ser não ver telenovela, não fumar, não tomar bebidas alcoólicas, não dar um

passeio, não comer sobremesa ou uma guloseima, falar menos, dormir menos, etc., etc., e, sobretudo, aceitar, de bom grado, os deveres de cada dia. Poderia haver em família uma obra comum que exprimissem este exercício do «**jejum**».

Pela «**esmola**» se entende **uma atitude de**

maior serviço e doação aos outros. Repartir os bens (nomeadamente os bens materiais) é uma atitude profundamente cristã. Mas esta atitude que engloba, antes de mais, a justiça social (pagar o justo salário a quem trabalha) e a solidariedade (repartir o seu pão com os necessitados) vai mais longe, levando aos outros uma palavra amiga, promovendo o diálogo e a concórdia, procurando a compreensão, oferecendo o perdão, manifestando uma disposição interior de serviço gratuito e disponível, etc. Também em família poderia haver uma obra comum que exprimissem uma atenção particular aos outros (alguma obra de misericórdia em determinados dias, etc.).

4. Em cada casa poder-se-ia **assinalar a Quaresma com algum símbolo** que, numa dependência comum, lembrassem a todos o caminho para a Páscoa. Uma cruz especialmente entronizada, com uma luz;

ou, então, a Bíblia ou os Evangelhos, entronizados também. Este seria um lugar de reunião de família para a oração.

5. Mas **há outras iniciativas** que poderão ser propostas pelos pais ou pelos filhos: oração antes e depois das refeições; o terço em família (ou só um mistério do terço, para os mais pequenos); a via-sacra (ou apenas uma estação cada dia); o exame de consciência em comum, preparando o sacramento da penitência, na Quaresma, já que o objectivo da Quaresma é, sobretudo, o abandono do pecado; alguma penitência familiar comunitária cuja poupança reverta para alguma obra boa (social, cultural ou espiritual).

A Páscoa é a grande festa dos cristãos. Preparemo-nos para ela convenientemente. Ao prepararmos a Páscoa de 1994, estamos a preparar a Festa que não terá fim, a Páscoa eterna, com Deus e com todos os Santos.

S.D.L.

«Voz Portucalense», 10-2-94

Porte pago garantido após diálogo com Marques Mendes

APIR ganhou a batalha do Porte Pago, em reunião que teve com o Ministro Marques Mendes, em Lisboa, anunciou o presidente da Associação Portuguesa da Imprensa Regional, João Fernandes.

Depois de explicarmos a situação gravosa que poderia

acontecer se a Imprensa Regional fosse penalizada com 10% do Porte Pago, centenas de jornais acabariam por sucumbir.

Felizmente que o Ministro foi sensível às nossas razões e atendendo à especificidade da Imprensa Regional vai manter o Porte Pago para estes órgãos de

Comunicação Social, retirando às restantes publicações diárias, revistas, etc., estes benefícios.

Para se chegar a este acordo, a nova Portaria vai deixar de contemplar o subsídio de difusão, continuando a Imprensa Regional a ter acesso a todos os apoios, incluindo à Re-

conversão Tecnológica, com dúvidas para o desconto nas telecomunicações.

João Fernandes diz que estamos todos de parabéns, pela boa nova, esperando-se que se tenha chegado ao fim as divergências entre os ele-

(Continua na pág. 2)

SUMÁRIO

Pelo Santuário

PÁGINA 3

O património genético do indivíduo é um tesouro a ser respeitado pela ciência

PÁGINA 5

Desporto

PÁGINA 7

Crónicas Selvagens

PÁGINA 8

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR
Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO
José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Santuário de Nossa Senhora da Abadia
Santa Maria de Bouro
4720 AMARES
Telefone (053) 371197

PROPRIETÁRIO
Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO
EDITORA CORREIO DO MINHO/SM
Palácio de Exposições e Desportos
Telefone 74087
4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00
NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL
3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.
Faça dos seus Amigos assinantes
de «A Voz da Abadia» — enviando-nos,
devidamente preenchido, este cupão.

NOME _____

MORADA _____

Assinatura Anual (1.200\$00)

Assinatura Bi-anual (2.400\$00)

Assinatura de Benfeitor ()

Renovação da Assinatura (Anos:)

**Nas páginas
deste Jornal
o seu nome
nunca fica mal...**

**Por isso anuncie
n'A VOZ DA ABADIA**

«A Voz da Abadia», 10-2-94

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE PÓVOA DE LANHOSO

A cargo da Notária Licenciada Olinda de Fátima Esteves

José Joaquim Martins Teixeira, primeiro ajudante do Cartório Notarial em epígrafe, certifico para efeitos de publicação:

Que por escritura de Justificação Notarial de treze de Janeiro de mil novecentos e noventa e quatro, exarada a fls. 26 verso do livro de notas para escrituras diversas 104-B, deste Cartório, JOSÉ SOARES CARNEIRO e mulher ROSA AUGUSTA DE SOUSA AZEVEDO CARNEIRO, casados em regime de comunhão de adquiridos, naturais da freguesia de Bouro (Santa Maria), do concelho de Amares, na qual residem habitualmente no lugar de Dornas, declararam o seguinte:

Que são donos com exclusão de outrem dos seguintes prédios, todos sitos no lugar de Dornas, da freguesia de Bouro (Santa Maria), do concelho de Amares, não descritos na Conservatória do Registo Predial do concelho de Amares, como se comprova por uma certidão lá passada em sete de Janeiro, deste ano, a saber:

NÚMERO UM

Prédio rústico denominado EIDO JUNTO À CASA, terreno de cultivo, com a área de duzentos e oitenta metros quadrados, a confrontar, do norte com José Soares Carneiro, sul com Manuel Fernandes, e do nascente e do poente com caminho, inscrito na matriz respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 522.

NÚMERO DOIS

Prédio rústico denominado Leira da Pala ou Leira de Fora, terreno de cultivo, com a área de duzentos e vinte metros quadrados, a confrontar do norte com Amândio Gonçalves Dias, sul com caminho, nascente com Maria da Graça Antunes e do poente com Francisco Ramalho da Mota, inscrito na matriz em nome do justificante marido sob o artigo 563.

NÚMERO TRÊS

Prédio rústico denominado Bouça de Acor-só, ou de Trás ou do Sobral ou Sobreiro terreno de mato com a área de oitocentos e quarenta metros quadrados, a confrontar do norte com caminho, sul com Ernesto Martins Ribeiro, nascente com caminho e do poente com o ribeiro, inscrito na matriz respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 518.

NÚMERO QUATRO

Prédio rústico denominado Olival do Texugo, terreno de cultivo com a área de setecentos metros quadrados, a confrontar do norte com caminho, sul com caminho, nascente com Manuel Gonçalves Domingues e do poente com caminho, inscrito na matriz em nome do justificante marido sob o artigo 512.

NÚMERO CINCO

Prédio urbano de rés do chão e primeiro andar para habitação com rossio, com a área coberta de cento e sete metros quadrados e descoberta de seiscentos metros quadrados, a confrontar do norte com Domingos José da Mota, sul com caminho, nascente com caminho e do poente com caminho, inscrito na matriz respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 66.

NÚMERO SEIS

Prédio rústico denominado Campos do Pinhal ou Leiras do Ribeiro, terreno de cultivo com a área de seis mil e quinhentos metros quadrados a confrontar do norte com limite da freguesia e do concelho, sul com João Maria Gonçalves, nascente com João Batista Domingues, e do poente com a Junta de Freguesia, inscrito na matriz em nome do justificante marido sob o artigo 489.

NÚMERO SETE

Prédio rústico denominado Leira dos Leiros, ou Teixugal, terreno de cultivo com a área de seiscentos e quarenta metros quadrados, a confrontar do norte com Belarmino da Silva, sul com Armando de Almeida e Brito, nascente com ribeiro e do poente com Armando de Almeida e Brito, inscrito na matriz respectiva em nome do justificante marido, sob o artigo 520.

Que não são detentores de qualquer título formal que legitime, o domínio dos referidos prédios.

Que, não obstante isso, têm usufruído os mesmos prédios colhendo os respectivos frutos e gozando todas as utilidades por eles proporcionadas, pagando os respectivos impostos e ocorrendo a todos os outros seus encargos, com ânimo de quem exercita direito próprio, sendo reconhecidos como seus donos por toda a gente, fazendo-o de boa fé por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente porque sem violência, contínua e publicamente, à vista e com conhecimento de toda a gente e sem oposição de ninguém — e tudo isto por lapso de tempo superior a vinte anos.

Que dadas as enunciadas características de tal posse, eles outorgantes adquiriram os identificados prédios por usucapião, título este que por natureza não é susceptível de ser comprovado pelos meios normais.

Que nos termos expostos, assim, justificam o direito de propriedade que detêm sobre os mencionados prédios.

Está conforme.

Cartório Notarial de Póvoa de Lanhoso, 17 de Janeiro de 1994

O AJUDANTE,
José Joaquim Martins Teixeira

Porte pago garantido após diálogo com Marques Mendes

(Continuação da 1.ª página)

mentos da APIR, pondo acima de tudo os interesses colectivos da Imprensa Regional e da vida associativa que deve, urgentemente, ser normalizada, pelo que vão ser convocadas eleições dos corpos sociais, entre Março e Abril, com o empenhamento e unidade que esperamos, de todos.

O presidente da APIR pediu a todos os sócios que normalizem as suas quotas com a associação, pois vão ser chamados para votar, e é necessário ter as quotizações em dia.

Por outro lado, fez um apelo àqueles que não são sócios, no sentido de aderirem à APIR, dando a esta estrutura

representativa das empresas jornalísticas regionais, a força capaz no diálogo que quer manter com o Governo e em todos os departamentos, nomeadamente os Correios, onde haverá que negociar, possivelmente, os descontos nas telecomunicações, as cobranças dos recibos e o proble-

ma da cintagem dos jornais, os quais, a partir de 31 de Março de 1994, terão de obedecer a normas internas dos C.T.T.

Presentes na reunião com o ministro Adjunto, entre outros elementos, João Fernandes, director do Falcão do Minho, e Vasco de Carvalho, director do Notícias de Barcelos.

PELO SANTUÁRIO



PROMESSAS E OFERTAS

No mês de Janeiro cumpriram promessas a Nossa Senhora da Abadia e entregaram:

Ana Rosa Pinto, Canadá	50 dólares
Horácio de Sousa Fernandes, Paradelas de Frades ...	2.000\$00
Adelaide Jesus Antunes, Cano, Bouro (Sta. Maria) ...	1.500\$00
Maximina de Jesus Dias, Freitas, Covide	1.000\$00
Goretti Cerqueira, Freitas, Covide	1.000\$00
Maximina Alves, Bouro (Sta. Marta)	1.000\$00
António de Jesus Ribeiro, Bouro (Sta. Marta)	500\$00

Joaquina Rosa Pereira, da freguesia de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso, duas arrecadas, vulgarmente chamadas argolas, de ouro.

No Santuário deram mais as seguintes promessas anónimas: 6 de 5.000\$00; 3 de 2.000\$00; e 19 de 1.000\$00.

BAPTIZADOS

Ultimamente receberam o sacramento do baptismo no Santuário:

Paulo Diogo Lourenço Martins, do lugar de Pereiro, freguesia do Vilar da Veiga, Terras de Bouro.

Nuno Daniel Dias Marques, da freguesia de Bouro (Santa Maria), Amares, no dia 12 de Dezembro de 1993.

Carla Manuela Fernandes Marques, de S. Vítor, Braga.

Ricardo Fernandes Marques, residente com os pais no Luxemburgo, no dia 26 de Dezembro de 1993.

VISITA

No dia 27 de Janeiro as crianças do Infantário de Caldelas com as educadoras visitaram a Abadia.

Foram ver Nossa Senhora da Abadia e o Santuário, em seguida vieram para o Museu.

As educadoras com toda a solicitude orientaram-nas na visita ao Museu como já tinham feito no Santuário.

Elas olhavam cheias de curiosidade para as imagens, figuras e outras peças que estão expostas.

HORÁRIO DAS MISSAS

Nos meses de inverno, de Novembro a Março, aos domingos e dias santos a Eucaristia é às 11 horas da manhã e de tarde às 16 horas.

Nos sábados às 17,30 horas.

A missa das 11 horas dos domingos e dias santos é pelos irmãos da Confraria e pelos benfeitores do Santuário, uns e outros quer vivos quer falecidos.



FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária

Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais. Funerais e Transladações para todo o País. Coroas e Palmas em flores naturais. Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

Fernando
OCULISTA

ESTABELECIMENTO
COM
TÉCNICO QUALIFICADO
EM
ÓPTICA OCULAR

Rua do Souto, 23

(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703

4700 BRAGA

Visite o Santuário
de Nossa Senhora da Abadia

CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECÇÕES • PRONTO A VESTIR
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÊNHORES

Praça do Comércio, 102 a 106

Telefone 993176

4720 AMARES



CARDOSO DA SAUDADE

— FATOS

— CALÇAS

— CASACOS

— BLUSÕES

44.º aniversário

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

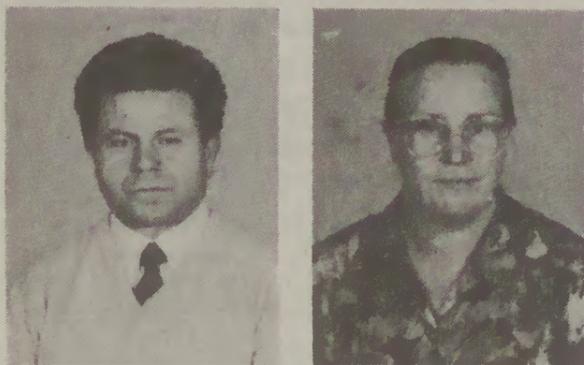
CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

VISITE
A EXPOSIÇÃO
COMEMORATIVA
DE S. BERNARDO
NO MUSEU
NOSSA SENHORA
DA ABADIA

FIGUEIREDO

BODAS DE PRATA



Ao fim da tarde do dia vinte e cinco de Janeiro último, o nosso assinante Sr. José Andrade do Vale e Exma. Esposa, de S. Sebastião, celebraram solenemente, na nossa Igreja, as suas Bodas de Prata Matrimoniais.

Depois, foi o jantar — saboroso, variado e abundante —, no Restaurante Girassol, às Capelinhas, servido a cerca de meia centena de familiares dos homenageados.

JANEIRAS E REIS FORAM ÊXITO

A tradição de cantar as Janeiras e Reis continua, como dantes, nesta freguesia.

Não obstante o mau tempo que se fez sentir por aquelas alturas, vários grupos se organizaram

e foram, porta a porta, levar a mensagem do nascimento do Menino Deus.

DIAS DE INVERNO

Autênticos dias de Inverno, tão semelhantes aos de outrora e de que apenas os mais idosos se recordam, ocorreram, por estas bandas, nos dias 4 e 5 de Janeiro deste ano, prolongando-se, embora menos rigorosos, até ao dia 13 seguinte.

O temporal trouxe de tudo um pouco. Chuvas torrenciais, ventos ciclónicos, frio de rachar, árvores derrubadas, casas danificadas, constipações e gripes, acidentes de viação e até danos pessoais, foram uma constante a todos os títulos preocupante.

As duas semanas subsequentes, se bem que de noites e manhãs muito frias, foram de sol durante o dia, facilitando as tarefas agrícolas da época. Mas, depois, veio de novo um tempo de chuva e frio, com fortes rajadas de perneio.

VEIO MATAR SAUDADES

O nosso assinante Sr. Agostinho Oliveira, radicado na Suíça, veio matar saudades e já regressou àquele país.

Trouxe, consigo, esposa e filhinha, e deixou-nos a quantia de mil e duzentos escudos para pagamento de mais um ano de assinatura.

Os nossos agradecimentos e muitas felicidades. Até à próxima.

SOUTO

A RESIDÊNCIA PAROQUIAL

Finalmente Souto tem uma Residência Paroquial digna de receber o seu Pároco.

Há cinco anos atrás esta freguesia possuía uma residência em estado degradante, sem condições mínimas de ser habitada.

Com a vinda do Padre Aloísio muito havia por fazer e graças ao dinamismo deste jovem padre, foi possível restaurar o edifício.

Prevê-se a inauguração, ainda antes da Páscoa, com a presença do Senhor Arcebispo de Braga.

AINDA AS NOTAS DE MIL...

Desde há anos, haja ou não eleições, que no mês de Dezembro, alguém desta freguesia oferece aos mais necessitados algo para ajuda do cabaz de Natal.

Este ano, os contras, os mal intencionados e os invejosos rotularam tal acto como propaganda política, só que esse benfeitor não fazia parte de qualquer lista. Em vez de espalharem folhetins anónimos, o que só mostraram cobardia, porque não distribuíram como esse senhor, em público, notas de mil?

H. S.



**FÁBRICA
DE FATOS
CASACOS
CALÇAS**

de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210
TELEX 32288 FACHO

«A Voz da Abadia», 10-2-94

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE PÓVOA DE LANHOSO

A cargo da Notária Licenciada Olinda de Fátima Esteves

José Joaquim Martins Teixeira, primeiro ajudante do Cartório Notarial em epígrafe, certificado para efeitos de publicação:

Que por escritura de treze de Janeiro de mil novecentos e noventa e quatro, exarada a fls. 24 v do livro de notas 104-B, deste Cartório, JOÃO BATISTA DE SOUSA AZEVEDO e mulher CUSTÓDIA MARIA DOMINGUES DE SÁ AZEVEDO, casados em regime de comunhão de adquiridos, naturais da freguesia de Bouro (Santa Maria) do concelho de Amares, residentes habitualmente no lugar de Dornas, da citada freguesia de Bouro (Santa Maria), declararam o seguinte:

Que são donos com exclusão de outrem dos seguintes prédios, todos sitos no lugar de Dornas, da freguesia de Bouro (Santa Maria), do concelho de Amares, não descritos na Conservatória do Registo Predial do concelho de Amares, como se comprova por uma certidão lá passada em sete de Janeiro, deste ano, a saber:

NÚMERO UM

Prédio rústico denominado Leira do Pomar, terreno de cultivo, com a área de mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar, do norte com Armando F. Almeida, sul com José Manuel de Araújo Pereira, e do nascente com José Manuel S. Pereira e do poente com Joaquim de Sá, inscrito na matriz respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 287.

NÚMERO DOIS

Prédio rústico denominado Leira da Quebrada, terreno de cultivo, com a área de quatrocentos e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte com José Maria Marques Alves, do sul com herdeiros de António José Alves, nascente com José Araújo Pereira e outro e do poente com ribeiro inscrito na matriz em nome do justificante marido sob o artigo 297.

Que não são detentores de qualquer título formal que legitime, o domínio dos referidos prédios.

Que, não obstante isso, têm usufruído os mesmos prédios colhendo os respectivos frutos e gozando todas as utilidades por eles proporcionadas, pagando os respectivos impostos e ocorrendo a todos os outros seus encargos, com ânimo de quem exercita direito próprio sendo reconhecidos como seus donos por toda a gente, fazendo-o de boa fé por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente porque sem violência, contínua e publicamente, à vista e com conhecimento de toda a gente e sem oposição de ninguém — e tudo isto por lapso de tempo superior a vinte anos.

Que dadas as enunciadas características de tal posse, eles outorgantes adquiriram os identificados prédios por usucapião, título este que por natureza não é susceptível de ser comprovado pelos meios normais.

Está conforme.

Cartório Notarial de Póvoa de Lanhoso, 17 de Janeiro de 1994

O AJUDANTE,
José Joaquim Martins Teixeira

O património genético do indivíduo é um tesouro a ser respeitado pela ciência

— Discurso do Papa a um Congresso organizado pela Pontifícia Academia das Ciências

João Paulo II recebeu em audiência solene, na manhã de sábado, 20 de Novembro, os participantes no grupo de trabalho sobre o tema: «Os aspectos legais e éticos, relativos ao projecto do genoma humano», realizado em Roma nos dias 19 e 20 do mesmo mês. Durante o encontro com os estudiosos e cientistas, na Sala dos Papas (Vaticano), o Santo Padre pronunciou um discurso, dirigindo palavras de incentivo e agradecimento também à Pontifícia Academia das Ciências, promotora do referido grupo de trabalho.

Estas são as palavras proferidas pelo Sumo Pontífice naquela particular circunstância:

Excelências
Meus Reverendos Sacerdotes
Senhoras e Senhores

1. As vossas jornadas de trabalho, sobre o tema «Os aspectos legais e éticos, relativos ao projecto do genoma humano», desenvolvem-se num momento particularmente oportuno. Recentes relatórios acerca de experimentações no campo da genética humana transformaram a comunidade científica e um grande número dos nossos contemporâneos. Perante os rápidos progressos científicos, a reflexão ética e jurídica acerca de problemas tão graves parece urgente neste fim do século.

APROFUNDAMENTO DOS CONHECIMENTOS

2. Desejo reconhecer, em primeiro lugar, os inumeráveis esforços dos cientistas, pesquisadores e médicos que se em-

penham na investigação do genoma humano, bem como na análise das sequências, a fim de adquirirem um melhor conhecimento da biologia molecular e das origens genéticas de numerosas enfermidades. Não se pode deixar de encorajarestes estudos, sob a condição de que eles abram novas perspectivas de cura e de terapias genéticas, que respeitem a vida e a integridade das pessoas, e que tendam à salvaguarda ou ao tratamento individual dos pacientes — que já nasceram ou que ainda devem nascer — atingidos por patologias com muita frequência letais. Não se pode ignorar, entretanto, que estas descobertas correm o perigo de ser utilizadas para seleccionar embriões, eliminando aqueles que foram atingidos por enfermidades genéticas ou que são portadores de caracteres genéticos patológicos.

O aprofundamento permanente dos conhecimentos acerca do ser vivo é, por si só, um bem, porque a busca da verdade faz parte da vocação original do homem, e constitui o louvor primordial devido Àquele que é o «Autor do nascimento do homem e Criador de todas as coisas» (2 Mac. 7, 23). A razão humana, que possui inumeráveis poderes e desempenha uma grande variedade de actividades, é contemporaneamente razão científica e razão ética. Ela é capaz de elaborar procedimentos de conhecimento experimental da criação e, ao mesmo tempo, de recordar à consciência as exigências da lei moral, ao serviço da dignidade humana. A diligência em conhecer, portanto, não pode constituir, como às vezes somos tentados a julgar, a única meta e a única justificação da ciência, caso contrário pôr-se-ia em perigo o principal objectivo do progresso médico: buscar, de

maneira indissociável, o bem do homem e da humanidade inteira.

Porque nos faz descobrir o que é infinitamente grande e infinitamente minúsculo, e porque obtém resultados impressionantes, a ciência é sedutora e fascinante. Todavia, é necessário recordar que, embora tendo a capacidade de explicar o funcionamento biológico e as interacções entre as moléculas, ela não consegue, contudo, enunciar sozinha a verdade última nem propor a felicidade a que o homem aspira, e nem consegue ditar os critérios morais para se alcançar o bem. Com efeito, estes últimos não são estabelecidos com base nas possibilidades técnicas, nem podem ser deduzidos a partir das verificações das ciências experimentais, mas devem «respeitar absolutamente a dignidade própria da pessoa» (cf. Carta Encíclica *Veritatis splendor*, 50).

RESPEITO DEVIDO À PESSOA

3. O projecto que consiste em decifrar as sequências do genoma humano e em estudar a estrutura macromolecular, para poder estabelecer o mapa genético de cada uma das pessoas, põe à disposição dos médicos e dos biólogos conhecimentos cujas aplicações, em certa medida, podem ultrapassar o campo médico; isto pode comportar ameaças temíveis para o homem. Basta evocar as múltiplas formas de eugenismo ou de discriminação, vinculadas às possíveis utilizações da medicina preventiva. A fim de garantir o respeito devido à pessoa, perante as novas pesquisas, é necessário empenhar a responsabilidade da inteira comunidade

humana. Em conformidade com as suas competências, as famílias espirituais, os moralistas, os filósofos, os juristas e as autoridades políticas deverão exercer a própria vigilância, para que todo o progresso científico respeite a integridade do ser humano, o que constitui uma «exigência irreprimível» (Carta Encíclica *Veritatis splendor*, 13).

PROBLEMAS MORAIS

4. É importante, por conseguinte, examinar os problemas morais relacionados, não com o conhecimento por si só, mas com os instrumentos de aquisição do saber e com as suas aplicações possíveis ou previsíveis. Com efeito, sabemos que hoje é possível conhecer o genoma humano sem, contudo, lesar a integridade do indivíduo. Portanto, o primeiro critério moral, que deve orientar toda a pesquisa, é o respeito do ser humano sobre o qual se está a investigar. Todavia, algumas descobertas, que se apresentam como conquistas técnicas e proezas da parte dos cientistas, podem ser fonte de uma determinada tensão para o próprio espírito científico: isto suscita, por um lado, a admiração perante o engenho desenvolvido, e, por outro lado, o temor — frequentemente fundado — de a dignidade do homem vir a ser ferida e ameaçada de maneira grave. Esta tensão enobrece quem reflecte sobre os valores que orientam as suas opções em matéria de pesquisa, porque denota o sentido ético, presente de modo natural em cada consciência.

(Continua na página seguinte)

no alto do monte Cidadelha, no meio de duas altíssimas rochas, tinha sua ermida da invocação do Arcanjo S. Miguel, onde depois se viu uma cruz, mandada colocar já no ano de 1700. Como o único intento de Pelágio Amato era buscar semelhantes retiros, ali o encaminhou seu espírito e grande do santo ermitão que nela habitava.

Encontrando-o, comunicou-lhe a causa de sua vinda e a deliberação em que estava de abraçar aquela vida, em serviço de Deus.

Pedi-lhe com muitas lágrimas e suplicas que o aceitasse por discípulo e lhe servisse de guia no caminho do seu remédio.

Mostrou-se o devoto solitário muito duvidoso em conceder-lhe a sua companhia e alistá-lo para imitador de santa penitência, pois parecia-lhe Pelágio Amato de fraca compleição para seguir o seu exemplo; porém, vendo a constância com que se obrigava a tudo depois de tantas persuasões e declarações sobre a nova empresa que empreendia, mandou-lhe despir as ricas galas que sobre si trazia e vestir um pobre hábito de monge, no qual Pelágio Amato começou a levar uma vida tão abstinentemente e fervorosa, que o próprio ermitão admirava-se de o contemplar.

Duas celas feitas de pedra seca, quer dizer, sem barro nem argamassa, e cobertas de alguns terrões e ramos de árvores silvestres, que os defendiam das tempestades e rigores da montanha constituíam o pobre ermitério.

E, como algumas noites saíssem de suas celas viu o novo ermitão no meio de um vale que ficava abaixo do monte cidadelha, para a parte do Norte, uma grande claridade, ouvindo ao mesmo tempo música angélica.

Logo Pelágio Amato deu conta destes prodígios a seus mestres e vigiando a noite inteira, viram o proprio resplendor que saía de entre os rochedos grandes e alumina grande parte daqueles vales com sua mais que natural claridade e fulgência.

Assim rezam as crônicas. Claro que anda aqui o dedo inspirado do historiador e cronista D. Frei Bernardo de Brito, a quem Herculano, saturado até à medula dos ossos do positivismo do seu século, e sem se lembrar de que encheu a sua própria obra de realismo combinado com fantasia e criação poética, nem a mais elementar referência fez ao milagre de Ourique, tão ricamente expresso e consubstanciado na imponente frontaria do Mosteiro de Bouro, esquecendo-se de que Bernardo de Brito, antes de ser historiador e cronista, co-autor da *Monarquia Lusitana*, foi poeta, e místico nunca deixou de ser, como era natural da sua índole monástica, que Herculano nunca poderia ter encarnado nem

Com respeito à Senhora da Abadia, tudo quanto de mais importante e aliciente enobrece o seu Santuário, além da sua mesma titular, e, sem dúvida, a apagada mas excelsa figura de

Pelágio Amato. Também podia tratar-se por Paio Amado, a portuguêsando-se, como por vezes se faz, mas fique assente que, através da presente história, vai ser Pelágio Amato, correspondendo assim ao estado de evolução da língua ao tempo em que viveu.

Compreende-se que com ele surge toda a história da restauração do Santuário, e até dos seus precedentes, seja da sua proto-história. E a tudo se vai dar resposta com a possível brevidade e os elementos que há muito se encontram reunidos, tendo em atenção que se trata de notícias sumárias destinadas a meios de comunicação periódica.

A partir de qualquer edição da *Monarquia Lusitana*, parte terceira, Livro XI, cap. II, com referência à última edição monumental, da Crónica de Cister de D. Frei Bernardo de Brito, não é difícil, pelos respectivos índices, localizar as interessantes notícias. O *Santuário Mariano*, que se lhe refere a pág. 33 do quarto volume, atribui a filiação da Abadia aos Eremitas descalços de Santo Agostinho, antes de ser arrasado pelos Mouros em 726. Salienta que os arcebispos de Braga ali procuraram refúgio durante a perseguição agarena, e em 883 estava o terreno que fora mosteiro, com algum edifício construído para defesa dos arcebispos, reunido à Sé de Braga sob o título de *Convento das Montanhas*, melhor, estava nele fundada a Igreja de Braga, com seus retirados bispos.

Conta-nos depois entre os mais antigos da Família Cluniacense, (Benedictinos), como se conclui do *Liber Fidei* do Arquivo arquiépiscopal de Braga onde diz: *A Sancta Maria de Burio, Monasterio Cluniac. in montanis, ab anno usque 883, solvitur Ecclesia Bracharensis*. Por consequência, tem de admitir-se que em 883 existia ali uma comunidade religiosa sob o hábito de S. Bento e designada por Convento das Montanhas, de que por volta de 1100 não aparecem mais vestígios que a figura real de Frei Lourenço, no cimo do monte da Cidadelha.

O património genético do indivíduo é um tesouro a ser respeitado pela ciência

(Continuação da página anterior)

Competência da Igreja

5. Não compete à Igreja estabelecer os critérios científicos e técnicos da pesquisa médica. Todavia, compete-lhe recordar, em nome da sua missão e da sua tradição secular, os limites dentro dos quais todo o progresso constitui um bem para o homem, porque a liberdade deve ser sempre orientada para o bem. A Igreja contempla em Cristo, o Homem perfeito, o modelo excelente de todos os homens e o caminho da vida eterna; ela deseja oferecer directrizes de reflexão para iluminar os seus irmãos em humanidade e propor os valores morais necessários para a acção, que constituem inclusivamente os pontos de referência indispensáveis para os pesquisadores, que devem tomar decisões relacionadas com o sentido do homem. Com efeito, somente a Revelação leva ao conhecimento integral do homem, que a sabedoria filosófica e as disciplinas científicas podem apreender de modo progressivo e maravilhoso, mas sempre de maneira incerta e incompleta.

RESPEITO PELO SER HUMANO

6. Cada ser humano deve ser considerado e «respeitado como pessoa, desde o momento da sua concepção» (Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução *Do-minum vitae*, II, 8; ed. port. de 15 de Março de 1987, pág. 10), constituída de um corpo e de uma alma espiritual, e possuidora de um valor intrínseco (cf. Jer. 1, 5): este é, para a Igreja, o princípio que orienta o desenvolvimento da pesquisa. A pessoa humana não se define a partir da sua acção presente ou futura, nem com base

no acto de transformação, que se consegue entrever no genoma, mas a partir das qualidades essenciais do ser e das capacidades vinculadas à sua própria natureza. Uma vez que é fecundado, o novo ser não se reduz ao seu património genético, que constitui a sua base biológica e é portador da esperança de vida do indivíduo. Como diz Tertuliano, «Já é um homem aquele que se deve tornar homem» («Apologética» IX, 8).

Em matéria científica, assim como em todos os campos, a decisão moral justa precisa de ter uma visão integral do homem, isto é, uma concepção que ultrapassando o visível e o sensível, reconhece o valor transcendente e tem em consideração aquilo que o define como ser espiritual.

Por conseguinte, utilizar o embrião como mero objecto de análise ou de experimentação equivale a atentar contra a dignidade da pessoa e do género humano. De facto, ninguém tem o direito de estabelecer os limites de humanidade de um indivíduo, pois isto equivaleria a atribuir-se um poder exorbitante sobre os seus semelhantes.

EXPERIÊNCIAS COM EMBRIÕES

7. Em nenhum momento do seu crescimento, o embrião deve constituir objecto de experimentações que não o beneficiam, nem de experiências que impliquem, inevitavelmente, tanto a sua destruição quanto amputações ou lesões irreversíveis, porque a própria natureza do homem seria, ao mesmo tempo, desprezada e ferida. O património é o tesouro que pertence, ou pode pertencer, a um ser pessoal que, por sua vez, tem o direito à vida e a um desenvolvimento humano integral. As manipulações arbitrarias dos gametas ou dos

embriões, que consistem em transformar as sequências específicas do genoma — portador dos caracteres próprias da espécie e do indivíduo —, levam a humanidade a correr sérios perigos de mudanças genéticas, que não deixarão de alterar a integridade física e espiritual não só dos seres, sobre os quais estas transformações foram efectuadas, mas até mesmo sobre as pessoas das gerações vindouras.

Se não for orientada para o bem do homem, a experimentação humana que, à primeira vista, parece constituir uma conquista na ordem do conhecimento, corre o risco de conduzir à degradação do sentido autêntico e do valor do ser humano. Com efeito, o critério moral da pesquisa permanece sempre o homem no seu ser, tanto corporal como espiritual. O sentido ético exige que não nos empenhemos em pesquisas que ofendam a sua dignidade humana e que obstaculizem o seu crescimento integral. Isto não significa, contudo, condenar à ignorância os pesquisadores, que são convidados a redobrar o próprio engenho. Com um sentido perspicaz do homem, eles encontrarão novas vias de conhecimento e prestarão, deste modo, o inestimável serviço que a humanidade espera deles.

A utilização da medicina preventiva, que deriva do tratamento sequencial do genoma humano, também apresenta alguns problemas delicados. Trata-se, em particular, do consentimento esclarecido do indivíduo adulto, sujeito da pesquisa genética, bem como do respeito do segredo acerca dos elementos — da pessoa e da sua descendência — de que se pode vir ao conhecimento. Nem se deve negligenciar o delicado problema de comunicar às pessoas os dados que põem em evidência a existência, sob a forma latente, de patolo-

gias genéticas, autorizando prognósticos os funestos para a saúde do paciente.

8. A Igreja deseja recordar aos legisladores a responsabilidade que os incumbe em matéria de protecção e de promoção das pessoas, porque os projectos de análise do genoma humano abrem caminhos ricos em promessas, mas também comportam múltiplos perigos. O embrião deve ser reconhecido como sujeito de direito pelas leis das nações, caso contrário a humanidade estará em perigo. Ao defender o embrião, a sociedade protege todo o homem que reconhece, neste ser pequenino e indefeso, aquele que ele mesmo foi, no início da sua existência. Sobretudo, esta fragilidade humana do princípio exige a solicitude da sociedade, que se honra em garantir o respeito dos seus membros mais fracos. Ela responde, deste modo, à exigência fundamental de justiça e de solidariedade que une a família humana.

9. No termo do nosso encontro, desejo renovar à comunidade científica o meu apelo para que o sentido do homem e dos seus valores morais continuem, a representar o fundamento das decisões no campo da pesquisa. Faço votos por que as reflexões realizadas pelo vosso grupo de trabalho ofereçam elementos de referência aos pesquisadores, bem como aos redactores de documentos deontológicos e legislativos. O meu agradecimento dirige-se àquelas pessoas que cooperaram de diversos modos para estas jornadas de estudo. Agradeço-vos vivamente — a vós que oferecistes o vosso contributo durante os ricos intercâmbios — a vossa participação neste grupo de pesquisas, do qual se espera numerosos frutos, e oro para que o Todo-poderoso vos assista nos vossos esforços de reflexão moral, assim como nas vossas investigações.

MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

Houve, pois, nova destruição de que não ficou pedra sobre pedra, e ter-se dado durante as renhidas lutas, entre cristãos e mouros, quando uma vez mais redobraram de intensidade no tempo do terrível Almançor.

Deve ser vestígios desta matança, encontrados quando se abriram os alicerces para as torres do actual Santuário, a que se refere o *Tesouro de Braga...* do Padre Matos Ferreira, assunto que documenta com as testemunhas presentes ao achado.

Regresso ao cimo do monte de S. Miguel (Cidadelha), aonde Pelágio Amato vai encontrar o solitário ermitão Frei Lourenço, para serem companheiros até à morte.

A presença de Pelágio Amato no ermitério da Cidadelha marca assim a transição entre o *antes* e o *depois* da Abadia. Afirma Imbart de la Tour, autorizado investigador desta matéria, que os velhos castros e cidadelhas, antigos baluartes da estratégia dos Romanos, abandonados pelas alturas inacessíveis, foram aproveitados pelos atormentados cristãos para instalação de pequenos mosteiros, abadias e santuários nos primórdios da futura organização das paróquias rurais, quando a perseguição lhes bateu à porta e tiveram de valer-se de todos os meios para salvar a alma e a vida. A avassaladora onda da invasão agarena, que rapidamente varreu Espanha, obrigando as hostes cristãs a refugiar-se nas montanhas das Astúrias do Noroeste peninsular, quando encontrou pronta para abrigo, depois de 710, Santa Maria do Monte Auseva, perto de Covadonga, a qual se deparou para extremo refúgio da última resistência goda, também o castro da Cidadelha, sob a futura inovação de Santa Maria, estava de portas abertas para receber de mais perto as hostes da Cristandade bracarense.

Um *antes*, que Pelágio Amato assinala, de longos anos de silêncio e certa obscuridade que mal se deixa penetrar; um *depois* já aberto à claridade do sol que nunca deixou de iluminar estas alturas inóspitas do Convento das montanhas.

A vida eremita, apartada do mundo, do convívio e comunicação da gente, floresceu nas remotas partes do Egipto e da Tebaida, na Cristandade oriental. Aqui na Terra Santa da Espanha, só quando as invasões e longas lutas de muitos séculos trouxeram trespalhados os cristãos, obrigando-os a procurar refúgio, nem sempre seguro, para proveito das almas e defesa da própria vida.

Ao tempo do Conde D. Henrique, ainda o perigo sarraceno se mantinha ameaçador. As aspirações dos nobres aspirações portugalenses, mesmo com a presença deste príncipe se a princípio se revelaram auspiciosamente para satisfação de legítimos ideais de libertação e autonomia, entraram depois em

sistema de impasse que afligia os mais decididos e fiéis servidores de uma grande Causa, contra uma situação de desentendimento que haviam de dirimir-se a seu tempo nos campos de S. Mamede e nas planícies de Val-de-Vez, desentendimentos das hostes cristãs, que as ambições domésticas dividiam e enfraqueciam. Pelágio Amato, verdadeira alma de eleição, relanceava a vista à sua volta, na corte de Guimarães, pelo panorama político que lhe era dado observar de mais perto, e das monarquias neo-cristãs, pesando na balança do martírio cristão a que se sujeitaram os seus combatentes, os reduzidos efeitos de tantos sacrifícios. Constava que perto de 400 anos sobre a restauração de um pequeno reino (das Astúrias) à base de cruz, que nunca deixara de erguer-se nas montanhas escarpadas das Astúrias, as fronteiras cristãs, por vezes se aproximavam das primitivas, como se a providência obrigasse os degenerados cristãos a abeirar-se da mesma cruz para nova depuração e penitência.

Pelo que meditava do presente e do passado, levantavam-se as incertezas do futuro, fora e dentro da pequena Casa portugalense, que repugnantes invejas malquistavam, acicatando em espíritos propícios a semente da discordia e da desunião que são os maiores inimigos da prosperidade das famílias, dos povos e das pátrias. Bispos que desde Diogo Gelmires de Compostela se debatiam política e religiosamente, gananciando o alargamento territorial e supremacia espiritual de suas dioceses, desde o tempo de S. Geraldo; D. Paio Mendes, que se exilou em Samora, em cuja catedral, no altar de S. Salvador, havia de tomar das armas e armar-se cavaleiro do infante Afonso Henriques, que viria a desafrontá-lo; e ainda a natural oposição leonesa, pendia o braço do mais sensato guerreiro afeito às armas. Quis mais a providência mimosíssima com um grande desgosto, que sofreu com exemplaríssima resignação cristã: — a morte da filha Ouroana e do parto da mesma o falecimento da esposa e mãe D. Munia ou Muninha Guterres, dama da rainha D. Teresa.

Enquanto não chega o momento oportuno de fazer algumas referências ao processo genealógico do fidalgo penitente das montanhas de Bourou, mais algumas considerações acerca da sua sensacional resolução. Ele quer fora bem conhecido de todos os cavaleiros portugalenses, companheiro de armas do Conde D. Henrique tão estimado, dele próprio que daí teria origem o sobrenome de Amato, entregou então ao Conde seu único filho Socio Pais, pedindo-lhe que o criasse e lhe desse estado conveniente, de acordo com a sua nobreza, e em atenção, aos serviços que antes prestara. E, sem amor, despediu-se da corte com tenção de nunca mais volta a ela. Fez a primeira jornada de Guimarães a Braga; aqui informando de que para as partes do Gerês, a quatro léguas de distancia,

DESPORTO

Nacional da I Divisão

RESULTADOS

Beira Mar - Estoril	0-0
Benfica - F.C.Porto	2-0
Marítimo - Boavista	1-0
Famalicão - Vitória de Guimarães	1-1
Sporting de Braga - Gil Vicente	4-0
Paços de Ferreira - União da Madeira	1-1
Salgueiros - Sporting	0-1
Vitória de Setúbal - Estrela da Amadora	1-1
Belenenses - Farense	4-2

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Benfica	18	13	4	1	41-17	30
Sporting	18	12	3	3	29-12	27
F.C.Porto	18	9	6	3	27-12	24
Marítimo	18	8	5	5	25-21	21
Boavista	18	9	2	7	27-19	20
E. Amadora	18	6	7	5	20-16	19
V. Guimarães	18	7	5	6	15-13	19
Gil Vicente	18	6	6	6	18-27	18
Salgueiros	18	8	2	8	26-27	18
Belenenses	18	7	3	8	22-27	17
P. Ferreira	18	5	6	7	16-21	16
Farense	18	8	-	10	23-32	16
Sp. Braga	18	5	5	8	18-18	15
V. Setúbal	18	6	3	9	29-25	15
Beira Mar	18	5	4	9	12-17	14
Famalicão	18	5	4	9	16-31	14
U. Madeira	18	4	4	10	18-29	12
Estoril	18	2	5	11	8-26	9

PRÓXIMA JORNADA (12 Fevereiro)

- Farense - Beira Mar
- Estoril - Benfica
- F.C.Porto - Marítimo
- Boavista - Famalicão
- Vitória de Guimarães - Sporting de Braga
- Gil Vicente - Paços de Ferreira
- União da Madeira - Salgueiros
- Sporting - Vitória de Setúbal
- Estrela da Amadora - Belenenses

MELHORES MARCADORES

- 13 golos: Yekini (Vitória de Setúbal).
- 10 golos: Hassan (Farense).
- 9 golos: Marlon (Boavista), Fernando (Estrela da Amadora).
- 8 golos: Isafas (Benfica), Jorge Andrade (Marítimo).

II Divisão B (Zona Norte)

RESULTADOS

Paredes - Dragões Sandinenses	0-1
Vila Real - União de Lamas	5-0
Marco - Fafe	0-1
Lixa - Amares	2-0
Varzim - Esposende	1-0
Infesta - Vizela	1-1
Maia - Juventude de Ronfe	1-1
Lourosa - Ermesinde	1-1
Moreirense - Lousada	7-2

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Maia	17	11	4	2	27-12	26
Moreirense	17	10	3	4	34-20	23
Lixa	17	9	5	3	18-13	23
União de Lamas	17	9	4	4	25-18	22
Fafe	17	9	4	4	30-15	22
Lourosa	17	7	7	3	29-19	21
Lousada	17	6	5	6	28-33	17
Varzim	17	6	5	6	22-24	17
Esposende	17	6	5	6	17-16	17
Vizela	17	5	6	6	24-23	16
Infesta	17	6	4	7	33-33	16
Juventude Ronfe	17	4	8	5	14-20	16
Marco	17	5	5	7	13-13	15
Vila Real	17	5	4	8	18-18	14
Sandinenses	17	5	4	8	14-22	14
Paredes	17	2	6	9	13-21	10
Amares	17	3	3	11	11-27	9
Ermesinde	17	1	6	10	14-37	8

III Divisão Nacional

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Vianense	17	9	7	1	23-6	25
Bragança	17	9	7	1	27-13	25
Limianos	17	10	4	3	32-12	24
Joane	17	9	5	3	25-12	23
Marinhas	17	8	5	4	23-18	21
Vieira	17	7	5	5	29-29	19
Santa Maria	17	5	8	4	17-14	18
Vila Pouca	17	4	9	4	18-18	17
Taipas	17	6	5	6	17-18	17
Sandinenses	17	4	9	4	20-21	17
Lanheses	17	6	4	7	19-17	16
Maria da Fonte	17	6	3	8	16-19	15
Águias da Graça	17	5	4	8	14-20	14
Pedras Salgadas	17	3	6	8	11-25	12
Ponte da Barca	17	4	4	9	9-21	12
Neves	17	2	7	8	13-25	11
Mogadourense	17	3	4	10	22-36	10
Macedo Cavaleiros	17	1	8	8	11-22	10

Distrital III Divisão — Série B

RESULTADOS

Sobreposta, 0 - Lage, 2; Águias FC, 0 - Este, 3; Enguardas, 4 - Cabanelas, 0; Arsenal, 3 - Lanhas, 0; Caldelas, 1 - Santa Tecla, 2; Arcos, 2 - Peões, 0; CD Amares, 1 - Pedralva, 2.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Este	14	10	4	0	43-11	24
Arsenal	14	10	2	2	33-13	22
Enguardas	14	8	4	2	26-12	20
Cabanelas	15	9	2	4	26-17	20
Arcos	14	8	2	4	19-13	18
Lanhas	14	6	5	3	19-17	17
Pedralva	13	5	5	3	17-15	15
Caldelas	14	5	4	5	18-16	14
Leões FC	12	5	2	6	19-18	12
Patrimonense	13	4	4	5	14-14	12
Lage	15	4	3	7	21-25	11
Peões	14	3	5	6	18-24	11
Santa Tecla	12	2	4	6	15-21	9
CD Amares	13	3	2	8	11-19	8
Sobreposta	14	2	2	10	13-35	6
Águias FC	11	0	0	11	2-42	0
Trandearas	1	0	0	1	0-2	0

Distrital III Divisão — Série C

RESULTADOS

Estorões, 0 - São Paio, 3; Travassós, 2 - Gerês, 1; Gandarela, 1 - Silvares, 1; Stª Cristina, 4 - Armil, 1; Regadas, 1 - Águias Alvíte, 0; Cavez, 1 - Estrelas Vermelhas, 1; Ventosa, 3 - Paços, 2; Guilhofrei, 0 - U. Moreirense, 2.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
S. Paio Vizela	15	11	2	2	34-10	24
Est. Vermelhas	15	10	2	3	34-13	22
Regadas	15	9	4	2	22-7	22
Guilhofrei	15	9	3	3	30-12	21
Gandarela	14	8	3	3	22-14	19
Águias Alvíte	15	7	3	5	28-12	17
Travassós	15	7	3	5	23-21	17
Stª Cristina	15	7	2	6	28-30	16
U. Moreirense	16	5	4	7	23-25	14
Armil	15	5	3	7	25-28	13
Estorões	15	4	4	7	19-31	13
Ventosa	14	5	1	8	13-18	11
Silvares	15	3	5	7	10-22	11
Gerês	15	3	4	8	20-31	9
Paços	14	3	3	8	17-25	9
Cavez	14	3	3	8	13-25	9
São Lourenço	15	2	1	12	8-45	5

Assine e divulgue

«A VOZ DA ABADIA»



FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária

Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.
Funerais e Transladações para todo o País.
Coroas e Palmas em flores naturais.
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

PADARIA UNIVERSAL

de António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

Fabrico e venda de pão especial aos domingos para tornar o seu almoço mais apetitoso. O pão é o melhor e mais barato dos alimentos. Prefira o da **PADARIA UNIVERSAL**

TELEFONES 371125 e 371346 — SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

CRÓNICAS SELVAGENS (29)

(As bruxas e o carcunda)

Era ua ocasião um grupo de bruxas que s'ajuntaba num lagári d'azeite, q'istaba parado e elas ajuntabo-se lá para pandegári, para se adebertirem uas co as oitras. Bom. Um dia e foi um gaijo e foi pra ir bêr ua rapariga e anoiteceu no caminho e num têbe tempo d'ir pra casa. Ede lá, inrascado, cando chigou lá próximo do lagári, diz ele pra co ele:

— Olha, já num bou pra casa. Fico aqui esta noite neste lagári, mas incóbu-se num canto porque era marreca, ficou assim a modos do feitiço dua bola. Lá pela noite adiente, depois dele lá s'tar deitado munto inroladinho e aparece-le um grupo de bruxas, as tais. E bai de bailhar e de cantári e tal e por aí fora. Bom. Mas a cantiga delas era sómente: «Ás terças e ás sextas, ás terças e ás sextas, ás terças e ás sextas». Num dizio mais nada. O marreco biu aquela pândega toda e meteu-se na roda e começou a cantári co elas com toda a coráge. Imbora amarrécado cantaba com elas e lá nos fins d'acabar o adebertimento, dixeru as bruxas uas práas oitras:

— Cabemos de fazêre a este homezinho, desgraiçadinho, que tanto nos ajudou?

Diz a mestra:

— Olha bamos a le tirar a marreca.

Diz oitra ali ao lado:

— E ómentemos-le ó mastro...

E assim fizero. Tiraro a marreca ó home e ómentaro-le ó mastro e ele foi todo lempeiro e sastifeito pra casa.

Outro home que lá habia naquelas arredondezas tinha tamém ua grande marreca, inda mais reboluda e prégunto-le a ele:

— Ó cumpadre amigo, amigalhaço, o qué que bocê fez pra tirar a marreca?

E bai ele contou-le a história das bruxas.

Na próxima sexta-feira, o oitro marreca foi tamém ó lagári. Mas julgando lá p'la sua cabeça, cas bruxas o fabrocio mais, cantaba com todo o intusiasmo: «Terças e Sextas e Sábados tamém. Terças e Sextas e Sábados tamém!»

Ora as bruxas, como se compreende, ficaro todas danadas, e atão dixeru:

— Q'ué cabemos de fazêre a este gaijo, que nos ístragou o nosso baile?

E diz a mestra:

— Bamos a le pôr oitra marreca im cima da que tem.

E diz a bruxa do lado:

— E tira-se-le a pila.

E assim o homezinho foi caijo a agatanháre pra casa com duas marrecas e sim pila e elas, as putas, adebertiro-se munto.

Cas bruxas, a-de-noite, som um putedo fudido e fazem ua restoiçada cos fêntasmas e cos lobisomes. Q'eu nunca as bi, num posso juramentar-me, mas dizem que bem dos tempos intigos, lá dos moiros ou raça qu'os pareça, elas pôr-se nuas, todas nuífnhas, a esbatuxar dentro da áuga (carelho co elas, que safadonas!)

E pronto, meu senhor! 'Stá contado. Se gostou, gostou. Se num gostou, ua grila, ficou de gostar e se quijer 'spropmentar vá-se meter co elas ó fundo do rio.

Dezia o meu abô qué o reboiço mais inrebolado do mundo. Cágora num sei!

Inté dizem que já num há bruxas dessas, que das oitras 'stá tudo cheio delas, é um chumiço. O senhor ri-se. Mafarricas!

O meu abôzinho binzia-se três vezes e batia cos socos nas pedras e nos calhaus cando tinha d'ir bigiar as moages, práas arrolhar, quélas fico fulas e dom saltos altos pra fora da áuga, cos cabelos ó redemoínho, as beijas trocidas e as dentolas arreganhadas. Albêzes oubia-se um esganicado afulitibo como o das pégas im zaragata, ráis péle. E bomecê continua a rir-se. Pois bá co a sua risa q'eu fico co a minha história.

(Conto popular recolhido em 1968)

Meu bom velho de Santo Aleixo: nem sabes nem imaginas sequer a pedra preciosa que me deixaste.

VENÇA ESSA CONSTIPAÇÃO

Por MICHAEL CASTLEMAN

«Muitos sintomas da constipação não são directamente causados pelo vírus, mas pela batalha contra ele travada pelo organismo», afirma um pneumologista. Pouco depois da infecção, os mecanismos de defesa do organismo activam os nervos da dor, provocando inflamações na garganta. Mais tarde, o fluido extra libertado pela garganta para combater a infecção vai provocar congestão. Uma parte do líquido escorre pelo nariz. A «guerra fria» acabará por irritar os brônquios, provocando a tosse.

CUIDADO COM AS CRIANÇAS

O risco de apanhar constipações é mais elevado quando se é jovem ou se passa muito tempo junto de crianças. Todas as constipações geram imunidade ao vírus que as causou — para sempre, nuns casos, para alguns anos, noutros. Mas nas crianças o número de constipações ainda não foi suficiente para gerar essa imunidade.

As crianças podem ser também mais descuidadas com a higiene pessoal. Metem o dedo no nariz, apanham o vírus. Em contacto com os puxadores das portas, com os telefones e com os tampos das mesas, depositam o vírus, que pode sobreviver algumas horas. Quando outras pessoas tocam no objecto contaminado, o vírus é transferido para outros dedos; sem o suspeitar, as vítimas infectam-se a si próprias quando tocam no nariz ou esfregam os olhos.

PREVENÇÃO

Muitas constipações podem ser evitadas. Os

desinfetantes conseguem remover os vírus de superfícies muito manipuladas. Para reduzir a transmissão das constipações através do ar, deve aumentar-se a ventilação e guardar uma certa distância das pessoas que espirram e tosse. Lavar frequentemente as mãos e não mexer no nariz. Como o lenço de pano recontamina os dedos de cada vez que se usa, o melhor é optar por lenços de papel.

EXERCÍCIO DE COMBATE

O exercício físico pode também evitar as constipações. David Niseman, um investigador da Universal Estatal dos Apaches, dividiu 36 mulheres em dois grupos. Metade manteve-se sedentária, enquanto que as outras fizeram passeios vigorosos de 45 minutos cinco dias por semana durante 15 semanas. As últimas desenvolveram o sistema imunitário e tiveram apenas metade dos dias de constipação ou com sintomas de gripe que tiveram as primeiras.

O QUE É EFICAZ?

Dos milhares de medicamentos disponíveis para alívio dos sintomas da constipação, quais serão mais eficazes? Os inquéritos apresentam resultados confusos. Esta situação levou os pediatras Michael Smith, da Nova Escócia, e William Feldman, de Toronto, a rever todos os estudos credíveis sobre medicamentos publicados entre 1950 e 1991. Descobriram então que os medicamentos para a constipação aliviam os sintomas nos adultos, mas não actuam nas crianças com menos de 5 anos.

Feldman diz que, para as crianças, não há nada como os líquidos e um vaporizador. Ambos aliviam a congestão e a irritação do tracto respiratório. «Mas quando uma criança tem febre e a garganta irritada, chame o médico. Pode tratar-se de uma infecção bacteriana que requeira antibióticos», explica ele.

Não esqueça que os antibióticos são eficazes contra os vírus das constipações e apenas actuam sobre as bactérias — como as que causam inflamação na garganta.

CANJA E VITAMINA C

Desde 1971, quando Linus Pauling, vencedor do Prémio Nobel, utilizou pela primeira vez uma grande quantidade de vitamina C para combater a constipação que o remédio se tem mostrado controverso. Céptico em relação a ele, Elliot Dick decidiu testá-lo. Em três estudos separados, os voluntários ingeriram um comprimido de 500 mg de vitamina C quatro vezes ao dia durante duas semanas antes de se mudarem para uma sala experimental, para junto dos voluntários que não haviam ingerido a vitamina.

Ambos os grupos tiveram o mesmo número de constipações, embora os sintomas do grupo que ingeriu vitamina C fossem bastante mais brandos. Dick ficou convencido: «Todos os dias tomo vitamina C», diz.

EFEITOS DA CANJA DE GALINHA

Há séculos que se considera a canja de galinha como um remé-

dio. Em 1978, o investigador Marvin Sackner demonstrou que, quando o vapor da canja é inalado, alivia melhor a congestão nasal do que a água a ferver.

A canja apenas começou a revelar os seus efeitos inibitórios depois de lhe terem sido acrescentados os legumes — cebola, batata-doce, cenoura, aipo e salsa.

Estes legumes contém compostos como a vitamina C que podem contribuir para tratar as constipações, e o facto de serem cozinhados com o frango pode, de certo modo acentuar os efeitos benéficos. A sabedoria popular sempre apontou para a ingestão de grandes quantidades de líquidos quando se está constipado.

Os médicos recomendam que se tome de 6 a 8 copos de água, sumo, chá ou caldo diariamente a fim de aliviar os sintomas e recuperar os líquidos perdidos em caso de febre.

Os contactos humanos íntimos propagam a constipação, mas, por ironia, se uma constipação nos prostrou, nada ajuda tanto como ter alguém por perto que nos dê sopa e rebuçados para a tosse.

O carinho não alimenta apenas a alma, contribui também para a recuperação do corpo.

(In «Seleções do Reader's Digest», de Fevereiro de 1994)

Pensão
UNIVERSAL
ABERTA TODO O ANO

Restaurante

EM

TERMAS

DE CALDELAS

Telefones 36236 / 36286

4720 AMARES